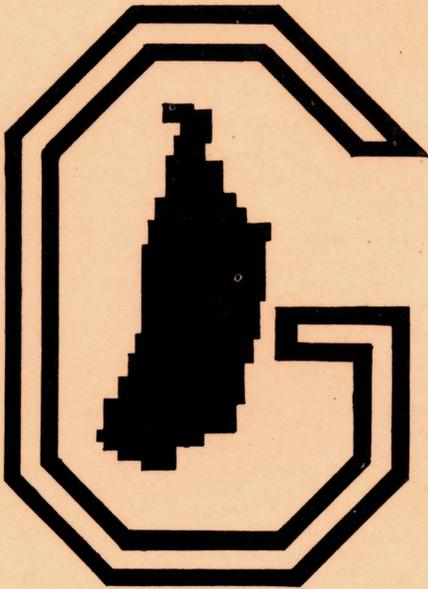


ISSN 0101-708X



UFG – IQG

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

BOLETIM GOIANO DE GEOGRAFIA

PUBLICAÇÃO SEMESTRAL — VOL. 3 N. 1-2 — JANEIRO/DEZEMBRO 1983

REFLEXÕES SOBRE A DIALÉTICA

HORIESTE GOMES*

A dialética como concepção e método confirma o contínuo movimento da matéria - apresentada em todas as suas formas, inferiores e superiores - em sua infinitude unitária e define o mundo como um processo ininterrupto do vir-a-ser, isto é, da reprodução da própria matéria. No dizer de Engels

"o conceito do mundo é unitário, o ser real, o mundo real, forma do mesmo modo uma unidade indivisível ... a unidade real do mundo consiste em sua materialidade".

(Engels, F. Anti-During, 42 e 44)

A dialética materialista não reduz os processos espirituais existentes na consciência do ser humano (pensamentos, sentimentos, aspirações, estados de ânimo, emoções, etc.) à condição de substância, como querem fazer crer os "idealistas", notadamente os comprometidos ideologicamente com o sistema de dominação reinante. Querem fazer crer perante a sociedade que os materialistas dialéticos são desprovidos de sentimentos, emoções, enfim, dos valores espirituais que os seres humanos possuem. Muito pelo contrário, os aspectos subjetivos do homem são, em ordem crescente, no dia a dia, valorizados pelos povos que imprimaram uma nova construção da sociedade humana regida pelas leis objetivas do desenvolvimento dialético e histórico da humanidade.

Utilizando-se das ciências que se preocupam em conhecer o mundo do consciente e do inconsciente do homem - neuropsicologia, neurofisiologia, psicologia, psiquiatria etc., a dialética materialista comprova cientificamente que as "emanações espirituais" do homem são reflexos da realidade objetiva, isto é, do mundo circundante fora do homem, refletido através do seu agente material - a estrutura cerebral. Por in

(*)Prof. do Instituto de Química e Geociências da UFG - Deptº de Geografia.

termédio dos nossos órgãos sensoriais, a realidade objetiva exterior é captada e conduzida pelo sistema nervoso central até a mencionada estrutura e transformada por esta em forma de imagens ideativas reflexas dessa mesma realidade. Na sequência das operações mentais - sensações, percepções, representações e pensamento lógico dialético - o reflexo que só reproduz em parte o objeto refletido, a partir da operação sensorial adquire na elaboração final a forma mais acabada que a etapa atual do desenvolvimento do pensamento pode produzir: juízos, raciocínios, hipóteses, teorias.

A dialética materialista não reduz o mundo da consciência a produto, isto é, resultado da matéria, como fazem os "materialistas vulgares". Estes, reduzem mecanicamente à elaboração da consciência pelo simples funcionamento fisiológico do cérebro, quando, na realidade, o conteúdo da consciência como base espiritual do ser humano é formado, como já mencionamos, pela relação cognitiva do homem com o seu mundo objetivo e tendo na estrutura cerebral o seu substratum especializado capaz de refletir (imagem subjetiva) o mundo exterior (realidade objetiva).

Outrossim, o materialismo dialético contrapõe-se a todos os "materialistas" que consideram a consciência como atributo da matéria inerente a "todas" as suas formas animadas (inferiores e superiores). Pela mesma razão, refutam aqueles que estabelecem a dualidade na questão da essência da consciência. Esta seria, em relação ao objeto refletido, uma imagem "ideal", e, em relação ao substratum cerebral manifestar-se-ia como "material". Argumentação deveras falsa, tendo em vista que a consciência é de natureza imaterial traduzida em imagens abstratas configuradas em pensamentos, sentimentos, emoções... etc..

Também refutam aqueles que não consideram a consciência como reflexo da realidade objetiva, mas sim como "criação" desta mesma realidade. São os que fundamental tal proposição no fato do homem transformar o mundo através de sua ação prática sobre ele, como também sua ação interpretativa e explicativa. Assim, uma interpretação do mundo desprovida de transformação deste mundo seria impossível. Trata-se de uma formulação errônea em virtude de que a criação encaminhada pelo homem em qualquer espaço concreto de análise só pode advir se a sua consciência refletir os valores contidos no mencionado espaço. Para tanto, há necessidade do homem, em decorrência de sua atividade criadora mental, submeter-se às leis objetivas existentes fora e independentes de sua consciência.

Pela mesma razão, o materialismo dialético refuta os investidores metafísicos relativistas pelo fato de "absolutizarem" a realidade, isto é, o caráter incompleto e aproximativo do conhecimento, eliminando a contradição entre o verdadeiro e o falso.

Segundo os relativistas (como exemplo, K.R.Popper) há sempre uma substituição contínua do conhecimento em níveis cada vez mais absolutos, a ponto de eliminar

"a ininterruptão do processo cognitivo, a continuidade entre o novo e o velho, o caráter positivo da negação, que é dialética por natureza, isto é, que está ela mesma sujeita a negação, tudo isto desaparece do campo de visão de um relativista" (Teodor Oizerman "A Dialética Materialista E O Relativismo" in Ciências Sociais - Academia das Ciências da URSS nº 2/1979 pag.43).

A dialética materialista reconhece a relatividade de nossos conhecimentos, todavia, não no sentido de negar a verdade objetiva a nível da natureza e da sociedade, mas como dizia Lenin

"no sentido da condicionalidade histórica dos limites da aproximação dos nossos conhecimentos a esta verdade" (Lenin - in obras Escolhidas).

Na questão epistemológica, o materialismo dialético não reduz a consciência ao simples reflexo do novo, isto é, da descoberta de que surge como realidade nova, mas também ao nível do já conhecido.

No processo de relacionar-se com o espaço geográfico o homem imprime transformações reais neste mesmo espaço. Num dizer de um autor materialista, constitui criação que

"repousa sobre o reflexo da realidade existente e de suas possibilidades reais, de seus aspectos e ligações necessários, das leis objetivas de sua transformação e de seu desenvolvimento. É precisamente a essa atividade criadora que a consciência está ligada, porque é precisamente ela que determina sua essência específica". (Cheptulin, Alexandre - A Dialética Materialista, p.109).

Ao refletir a realidade objetiva, a consciência fixa não somente aquilo que é próprio ao objeto refletor (reflexo imediato) também o objeto que não existe realmente em dado momento (reflexo mediato). Os que argumentam que a consciência não reflete mas cria a realidade, justificam tal proposição na medida em que identificam o conceito de su jeito com o conceito de reflexo subjetivo da realidade objetiva, quando em verdade tal identificação é incorreta. Na concepção do materialismo científico o sujeito é um sistema social material, tendo o homem por in termédio de seu trabalho criado a sua "segunda natureza" - cultural e

civilizatória. Isto significa ser sujeito da história que apropria-se da "primeira natureza" e transforma-a de acordo com as suas necessidades, seus desejos e aspirações, em função do grau de desenvolvimento político/econômico, tecnológico e social de que dispõe a sociedade. Sendo um sistema social/material, ele (o sujeito) constitui-se numa das parcelas da realidade objetiva maior, fruto de suas relações sociais com os seus semelhantes no processo da produção, da divisão e do consumo. De acordo com o nível de organização social atingido pela sociedade e seu grau de desenvolvimento, define-se a capacidade do homem de transformar a primeira natureza na segunda natureza, ou em outras palavras, em elementos de vida social. Diz Cheptulin:

"é precisamente esse fato, isto é, a presença no sujeito da capacidade de um reflexo subjetivo da realidade objetiva, do seu conhecimento, que o transforma em um sujeito real, capaz de agir sobre o mundo ambiente e de transformá-lo de forma criativa, porque, como já dissemos, uma transformação que tende a uma meta da realidade presuppõe o conhecimento de suas propriedades e ligações necessárias, das leis do seu funcionamento, do desenvolvimento e das possibilidades que disso dependem" (obra citada, p. 113).

Os que se apegam ao fato da consciência refletir a realidade - e, como tal, o seu desenvolvimento deverá conduzir ao conhecimento acabado, definitivo da natureza e da sociedade - são analistas mecânicos superficiais, pois reduzem a realidade refletida à forma estática, como se não houvesse uma transformação contínua do mundo da natureza, da sociedade e do indivíduo. A reprodução nova do universo é ininterrupta em razão da matéria e da consciência estar submetidas à permanentes movimentos que ascendem, cada vez mais, às formas complexas e superiores. Embora o homem possa adquirir consciência universal em termos de conceitos gerais - por exemplo, o conceito da necessidade da paz universal; da necessidade da interdependência dos povos; da coexistência pacífica; da libertação de todos os povos oprimidos das garras do imperialismo; etc. - é impossível ao ser humano abarcar todos os conhecimentos de que a humanidade dispõe em cada momento histórico de sua existência, tendo em vista que nenhum desenvolvimento conduzirá à transformação da consciência individual em consciência universal do todo conhecido.

Há que ressaltar o aumento progressivo do conhecimento do homem em vez de reduzir a faixa do a ser conhecido; amplia-se continuamente a busca do ser humano de conhecer, mais e mais, a realidade do

universo. A possibilidade criativa do homem e o seu campo de atividade ampliam-se progressivamente.

Aqueles que reduzem o reflexo da realidade à "cópia fiel" do objeto refletor para se contrapor à tese leninista do reflexo, falham na medida em que Lenin não considerava as sensações como imagens físicas dos objetos, mas como imagens ideais (subjetivas) concretizadas sob influências incidentes no objeto refletido (no todo ou na parte) e no objeto refletor (o homem). As limitações de nossos órgãos sensoriais oriundas de fatores diversos, herdados ou adquiridos, são limitantes reais no tocante à formação de imagens subjetivas da realidade objetiva. Pela mesma razão o conhecimento não científico da realidade leva ao conhecimento falso da mesma realidade, em vista de partir do subjetivismo das pessoas.

Na medida em que o homem avança a sua análise científica da realidade, utilizando-se de instrumentais, do raciocínio lógico dialético e da práxis social, o seu comportamento subjetivista de análise vai se diluindo e a verdade científica vai se afirmando como realidade objetiva maior isto é, verdadeira e necessária.

Os materialistas pré-marxistas viam a consciência como reflexo subjetivo da realidade objetiva de forma contemplativa e mecanicista, isto equivale a dizer, de forma passiva e estática. A filosofia e o método do materialismo dialético e histórico, herdeiros de toda elaboração positiva da humanidade em termos de verdade científica, mostra que o reflexo da realidade objetiva pela consciência se produz de maneira dinâmica, criativa e simultânea com a transformação imprimida no espaço concreto pelo exercício da atividade prática do homem. Desta maneira, a consciência é vista como uma forma superior de reflexo do mundo exterior, e, em virtude disso, ela passa a ser instrumento de orientação racional na ação de transformação que o ser humano/social imprime em nosso universo.

A metodologia dialética, utilizando-se da lei da unidade e luta dos contrários, confirma a conexão e a interdependência dos fenômenos em toda a realidade que se nos apresenta. Tomando como exemplo num marco industrial, o estudo de suas categorias mais importantes, capital e trabalho, verificamos a respectiva unidade entre ambos em torno de seus objetivos pragmáticos. Deste modo, o capital para reproduzir-se como capital, isto é, para que haja acumulação e reprodução orgânica contínua, necessita do trabalho traduzido na força física e mental dispendida pelo trabalhador no processo de produção. Por sua vez, o trabalhador para reproduzir-se como trabalhador, isto é, para obter o ga-

nho para subsistir como trabalhador, necessidade do capital (traduzido em capitalista/detentor dos meios de produção). Trata-se de uma relação contratual unitária (conexão do capital com o trabalho) calcada na interdependência (autonomia de cada um e reciprocidade necessária de ambos) em função dos propósitos objetivados. Ao mesmo tempo, por se constituir em realidades antagonicas - o capitalista busca acumulação crescente; através da exploração da mais-valia e da sociedade consumidora submetida à política de preços imposta pelo jogo do capital; o operário/trabalhador busca melhoria salarial - são contrários por natureza e travam no processo da produção uma luta renhida, cuja libertação do operário do sistema de exploração dominante imposto dar-se-á com a eliminação da propriedade privada dos meios de produção em posse do capitalista. Conclui-se que a conexão manifesta-se sempre com interdependência e interação.

Simultaneamente, com o desenrolar deste processo de interação e luta dos contrários, efetuam-se mudanças graduais "no que existia e continua a existir", revelando-se então a continuidade no processo de transformação gradual da natureza, da sociedade e do indivíduo. O mesmo processo desenvolve-se no âmbito das categorias específicas de cada ciência. São estas mudanças parciais que preparam o processo revolucionário que se afirma cada vez mais como realidade necessária para romper a continuidade e produzir o "salto qualitativo" que dá origem a uma nova realidade.

No exemplo mencionado, a contradição irreconciliável entre o capital e o trabalho vai exigindo de ambas as partes posicionamentos cada vez mais radicais e a nova realidade surgida das contínuas transformações quantitativas vai se impondo como necessidade objetiva para a sociedade. Chega-se a um determinado momento em que as premissas para o salto qualitativo estão maduras, e a base de sustentação do capital - a propriedade privada dos meios de produção - é substituída pela base de sustentação do trabalho - a propriedade social dos meios de produção. O salto começa no momento em que as mudanças ininterruptas chegam a um limite rigorosamente determinado para cada processo dado. E, é ele que determina o caráter do novo movimento ininterrupto que se segue.

O salto em sua dimensão qualitativa, isto é, superior, só se processa a nível das contradições antagonicas que tem interesses opostos. Como exemplo citamos: as contradições que houveram entre senhores feudais e servos no período feudal; as existentes na atualidade entre países imperialistas e povos coloniais; entre o mundo capitalista e o mundo socialista; entre burguesia e proletariado, são as que mais se evidenciam.

Lenin já dizia que "o desenvolvimento é luta de contrários" e a dialética considera a **contradição** como a sua categoria mais importante em qualquer realidade de análise. Uma determinada coisa contém em si a sua própria negação. Negar dialeticamente não significa apenas dizer não. Esta é uma postura bem metafísica.

A negação dialética além de ser condição e fator de desenvolvimento é, ao mesmo tempo, elemento de ligação do novo com o velho. Tomando como exemplo a sociedade escravagista, onde os instrumentos de trabalho (as ferramentas) estavam separadas de produtor (escravos), sendo propriedade privada dos senhores, a história mostra-nos que senhores e escravos constituíam duas classes sociais que se negavam, se contrariavam. Na medida em que o confronto atingiu o ápice deu-se a ruptura surgindo então uma nova forma superior de sociedade, a feudal, com poder descentralizado. A parte da velha sociedade que deixou de ser necessária, foi negada totalmente. A outra parte da velha sociedade identificada em seus valores positivos, entrou na composição do novo estágio, real e necessário.

A negação da negação aparece como síntese do todo o desenvolvimento anterior. Assim, no desenvolvimento das sociedades cada uma das etapas nega-se através de outra etapa, esta por sua vez, através de uma terceira, e, sucessivamente, vai-se estruturando no processo dinâmico uma cadeia contínua de negações. A tese é negada pela antítese e ambas são negadas pela síntese, sendo esta a resultante superior das duas, três ou mais negações, dado que nem sempre a dupla negação é suficiente para dar passagem da coisa em seu contrário. É evidente que a lei da negação da negação atuará diversamente em cada situação concreta de acordo com as diferentes condições existentes nos diferentes fenômenos. Trata-se de um movimento irreversível em que cada fase sintetiza toda a riqueza das fases precedentes. É preciso explicitar que na lei da negação da negação, o seu aspecto fundamental não é a dupla negação, mas sempre a "repetição" dos níveis da etapa transposta sobre uma nova base, mais elevada, superior, e condicionada pela passagem do fenômeno em seu contrário, no curso da negação de certos estádios qualitativos por outros. O salto-negação representa dois momentos organicamente ligados, em que um não pode existir sem o outro: o momento da destruição e o momento da criação formam a unidade dialética da negação e da afirmação.

A metodologia dialética revela a unicidade na pluralidade dos objetos, dos corpos existentes no universo. Define-se por meio de padrões comuns que todos os objetos, todos os corpos possuem: a exis-

tência própria, o que significa existir independente do nosso julgamento subjetivo (daquilo que pensamos).

O método dialético confirma a inesgotabilidade, a conservação e a renovação da matéria nas suas propriedades e manifestações, bem como o espaço e tempo como objetivos e como formas universais, infinitas, da existência da matéria. Não há matéria fora do espaço e do tempo, e não há espaço e tempo fora da matéria.

Finalmente, é preciso pontificar que a dialética como método científico superior de conhecimento humano manuseia todo um conjunto de categorias inerentes a essência dos fenômenos. São categorias que nos ajudam a comprovar, a autenticar como científico-portanto verdadeiro - o fato que pretendemos conhecer. Todas elas essência e fenômeno, conteúdo e forma, realidade e possibilidade, necessidade e casualidade, causa e efeito, geral e particular etc., são indispensáveis à investigação científica em qualquer ramo do saber humano.

O mundo é todo dialético e para conhecê-lo há que se utilizar, manejar corretamente as categorias, tarefa esta, por sinal não muito fácil para nós, membros da sociedade capitalista, devido a um conjunto de razões concretas. Entre elas mencionamos:

- a ausência de tradição filosófica na via do materialismo dialético e histórico em nossas escolas de nível primário, médio e superior;

- a doutrina materialista vista, podemos dizer, a partir da Segunda República, como algo "perigoso" a nossa soberania por militares e detentores do poder;

- idem, como "nociva e corruptora" dos nossos princípios ético-religiosos;

Acrescemos ainda um conjunto de dificuldades de diversas ordens abaixo mencionadas:

- "o emprego ainda muito corrente da linguagem de uma ciência no âmbito de uma outra, procedimento que prejudica manter a unidade de do atual saber científico;

- a prática de "abordagens estreitamente especializadas" que reduzem o investigador, notadamente no campo das ciências sociais, ao domínio do particular em detrimento dos sistemas de ligações e interações que existem no corpo dos aspectos e fenômenos sociais concretos;

- nos nossos conhecimentos perduram uma certa dosagem de elementos subjetivos, enquanto a verdade pertence à realidade objetiva;

- a exterioridade do fenômeno não coincide com a sua interioridade, levando-nos a conclusões errôneas;

- o pensamento e o comportamento idealista (mecanicista, agnóstico, positivista, pragmatista, neo-positivista etc.), está muito arraigado como teoria e prática, na sociedade capitalista;

- as investigações científicas estão inseridas no domínio das leis das relações espaço-tempo (modos de ser da matéria) e a maioria dos nossos teóricos não as manipulam corretamente;

- constata-se a mesma insegurança no tocante ao manuseio das leis da dialética materialista no plano da estruturação teórica e da comprovação prática;

- pelas mesmas razões as categorias filosóficas são também mal manipuladas e mesmo desconhecidas;

- a ideologia sendo um sistema de idéias, ligadas intrinsecamente a vida das classes sociais, constitui-se numa forma de conhecimento. As ideologias burguesas estão eivadas de elevado grau de mistificação, o que contribui substancialmente para diluir o significado real da verdade;

- a confiança plena de muitos pesquisadores nos chamados "códigos de ética profissional". Diga-se que tais códigos, se não forem frequentemente respaldados por uma ampla base social e política perdem os seus atributos de validade e a mistificação invalida mais o saber científico e artístico";

-... (GOMES, Horieste-Boletim Goiano de Geografia/ano 1 nº 2, págs. 120 a 122-1981).

A metodologia dialética confirma que o historicismo ensina-nos que cada realidade deve ser analisada de acordo com a dimensão histórica retratada nas diferentes etapas do desenvolvimento da humanidade, em suas formas concretas de manifestação histórica. A metodologia dialética ensina-nos que ao buscar captar uma realidade temos que apreendê-la em seu desenvolvimento, em sua história, e para tanto necessitamos de emprego do método histórico e do lógico em perfeita interação dialética. (1)

Da Lógica Formal e Dialética - na proporção em que os progressos se acentuavam no domínio da filosofia e da ciência, mais se configuravam as limitações da lógica formal como método de conhecimento humano capaz de explicar a gênese e o desenvolvimento dos fenômenos que dão surgimento à nova realidade, fruto da contradição dialética.

(1) Obs: retornar "simplesmente" ao passado não significa que utilizamos a história como valor analítico.

A lógica formal foi e permanece válida a nível das investigações simples, isto é, às que se efetuam no plano das relações mais diretas, externas e próximas, em vista da preocupação central do pesquisador circunscrever-se no plano do delimitar e do identificar com exatidão o fenômeno ou objeto que se pesquisa, circunscrito ao "processo que o faz existir". O fato observado exige aprofundamento somente ao nível da aparência e não da essência. O pesquisador trabalhará com correlações imediatas estabelecidas nas categorias visíveis sem que haja necessidade do emprego de categorias superiores; como exemplo, a reciprocidade determinada e a totalidade que têm por exigência e prática científica a abstração e generalização.

Na medida em que a lógica formal considera o "novo" como resultante da simples relação de concordância de causa e efeito, eliminando deste modo o motor do desenvolvimento do mundo orgânico e inorgânico - a contradição -, ela revela-se limitada na sua estrutura lógica formal como metodologia instrumental à altura da interpretação científica deste mesmo mundo. A complexidade da realidade consubstanciada na infinitude dos fenômenos e objetos existentes no micro e macro mundo; a expansão progressiva do saber filosófico, científico especial na busca da realidade objetiva como totalidade, exigem que o pensar formal seja apenas um apêndice da lógica superior generalizada do pensar, que é por sua natureza, dialética. O pensar formal continua válido na sua aplicabilidade às condições restritas da realidade. O aprofundamento desta mesma realidade em termos de atingir (revelar cientificamente) a essência dos fenômenos contida na estrutura interna da matéria orgânica e inorgânica exige do homem como sujeito histórico, o emprego da razão dialética.

Enquanto lógica formal exclui a contradição enquanto aspecto objetivo da realidade e reduz o novo fato a um simples resultado de um processo de transições gradativas, regulares, numa relação de concordância de causa e efeito, em que a diversidade é substituída pela identidade; a lógica dialética, centrada na contradição com o "anterior" (engendrado anteriormente) nega-o e dá surgimento a uma nova realidade que se afirma como necessária, concreta e positiva.

Álvaro Vieira Pinto em seu excelente trabalho "Ciência e Existência" define com precisão papel da lógica dialética:

"A presença do homem impõe o emprego da razão dialética porque a compreensão do fenômeno humano, em si mesmo e em sua atuação sobre a realidade, pertence de direito à dialética. Esta é a ciência do processo universal da realidade, suas

leis estão presentes no íntimo dos seres e dos acontecimentos, mas somente na reflexão humana se faz consciente de si. Ao viver, o homem historiciza o tempo, a duração cronológica do existir da realidade.

Em o homem, o que ocorre é apenas evolução, geológica ou orgânica, mas apenas a introdução da razão engendra a historicidade, a perspectiva histórica, pela introdução da distinção entre passado, presente e futuro...

O homem não pode compreender a realidade circundante, sempre limitada, que o encerra e à qual tem acesso, aquela que constitui a sua "situação", e ainda a sua própria realidade senão por via dialética, e por isso tem de se interpretar como um processo particular dentro de processos cada vez mais gerais, o da sua comunidade, o da sua espécie, o da evolução biológica, o da produção da matéria viva, e por fim o da existência absoluta, unitária e infinita do universo". (Obra citada, editora Paz e Terra, RJ 1969, págs.186 e 190)

Concluindo, enquanto a lógica formal configura-se como lógica de expressão de idéias traduzidas por símbolos, sinais organizados em linguagem; a lógica dialética por natureza existe de forma objetiva no mundo da natureza, da sociedade e do indivíduo em suas expressões cognoscitivas objetiva (relação do homem com a natureza) e subjetiva (relação do homem com as idéias). Na primeira, a forma/o conteúdo do objeto sobre o qual o sujeito atua é estático, não dinâmico, sendo desprovido de movimentos; na segunda, (a dialética) o conteúdo é dinâmico e encontra-se submetido a movimentos contraditórios e sucessivos e evolui sempre do estágio inferior para superior.

Resta-nos estabelecer algumas reflexões a respeito das categorias da dialética materialista como conceitos básicos que refletem as propriedades e nexos comuns mais gerais e essenciais dos fenômenos da realidade e do conhecimento, e que exprimem "encadeamentos mais universais da realidade objetiva em desenvolvimento" (Krässine - pág. 36).

Entre as categorias mais importantes na concepção do materialismo científico dialético estão: matéria e consciência, espaço e tempo, contradição novo e velho, quantidade e qualidade, salto e negação, movimento e repouso, geral e particular, conteúdo e forma, causa e efeito, essência e fenômeno, necessidade e casualidade, realidade e possibilidade... etc...

O sistema de categorias estrutura-se a partir da unidade entre o hitórico e o lógico; do processo de conhecimento que vai de fenômeno à essência, do exterior para o interior, do abstrato para o concreto, do simples para o complexo, levando-se em conta as particularidades das diferentes formas de atividades do homem, seu relacionamento interdependente com a natureza e com a sociedade através do seu trabalho produtivo/social.

As leis e as categorias da dialética, como sabemos, estão interligadas e elas são frutos dos objetos e fenômenos existentes objetivamente fora do homem no espaço natural e social. As categorias refletem as características mais gerais, universais, desta mesma realidade objetiva.

Para entender a própria unidade do mundo material é preciso trabalhar de maneira segura, as categorias como estruturas objetivas reflexas interligadas, mutáveis e móveis. No dizer de M.M. Rosental e P.F. Iudin,

"as categorias devem ser tão móveis e flexíveis como os fenômenos de que são reflexo". (in Dicionário Filosófico, 3ª edição - Editorial Estampa, tradução de Luís Marques Silva, Lisboa, 1972.) ABC - pág. 129.

O idealista, normalmente, deturpa a natureza dialética das categorias, ora dissociando-as, como exemplo, as universais tidas como existências autônomas sob formas de essências ideais particulares (concepção realista da natureza); ora os conceitos das categorias não exprimem e nem significam nada, dado que o objeto de definição não existe na realidade objetiva, existindo na realidade objetiva apenas fenômenos particulares e coisas singulares (concepção nominalista); ora substituem o papel de determinadas categorias e absolutizam o significado de outras (concepção relativista).

Passemos a análise de algumas categorias fundamentais: geral e particular - O particular é definido por apresentar traços específicos em termos de propriedades e ligação inerentes a uma forma - ção dada (coisa, objeto ou processo).

Cada indivíduo possui o seu próprio conjunto de especificidades em forma de caracteres pessoais, hábitos, aptidões, inclinações, interesses, capacidades, etc. Por outro lado, além dos caracteres mencionados, individuais a cada coisa, objeto ou processo, há em todos traços comuns com outros objetos e fenômenos, tendo em vista que o particular não existe sem nexos com o geral. No exemplo, todas as pessoas possuem traços comuns entre si, como todas as árvores possuem elemen -

tos comuns de identificação que possibilitem o enquadramento na categoria do "geral" árvore, ao mesmo tempo, elas sem exceção possuem as suas peculiaridades específicas.

O geral e o particular estão em unidade dialética representados em cada formação material, de forma que os dois componentes, que seriam o de distinção entre os objetos confrontados (particular) e o de semelhança (geral), permitem estabelecer analogias com outras formações materiais. A resultante é termos a representação mais exata do objeto sob estudo.

Causa e efeito - a relação causa-consequência é de fundamental importância em toda pesquisa de caráter científico. Um fenômeno só se revela em sua natureza na medida em que detectarmos a sua causa. O materialismo dialético ensina-nos que a causa de um determinado fenômeno encontra-se em sua natureza interna, portanto, reside na essência do próprio fenômeno. É evidente que as ações externas podem acarretar mudanças nos fenômenos, todavia, não se pode atribuir as origens e existência dos fenômenos às ações exteriores. É na natureza interna das coisas que estão as razões de suas existências.

Ex.: O movimento da Terra ao redor do Sol é resultado de suas forças inerentes: atração e repulsão.

A concepção metafísica da causalidade reduz a correlação causa-efeito à simples ação de um corpo sobre o outro. Hegel (1770-1831) já havia superado esta concepção na medida em que considerou causa-efeito como uma interação dialética, aproximando-se bastante da concepção marxista da causalidade. A interação, como já frisamos, é inerente à própria realidade determinista, isto é, que se acha subordinada às leis, à necessidade e à causalidade objetiva revelada no processo do conhecimento e da prática exercidos pelo homem.

Possibilidade e Realidade - ambas estão organicamente ligadas sendo que a possibilidade constitui a condição objetiva (realidade concreta) do novo em seu estado potencial e a realidade já traduz a transformação da possibilidade no novo, o que equivale a dizer, possibilidade de concretizada.

Cada realidade encerra em si mesma inúmeras possibilidades, cuja materialização no novo vai depender de premissas necessárias existentes em cada situação histórica concreta a nível da sociedade, no contexto da formação sócio-econômica.

É evidente que há possibilidades formais, isto é, as desprovidas de condições necessárias que as conduziriam a se concretizar como realidades. Já as possibilidades reais, como o próprio nome indica, são concretas, em vista de as premissas estarem maduras para a transformação nova (fenômenos qualitativamente novos).

As possibilidades são muitas, mas para cada dado momento somente uma se realiza, se concretiza como realidade necessária. Outros sim, não se pode considerar a transformação das possibilidades em realidades em função da contingência ao acaso, uma vez que são as condições concretas objetivas e necessárias que materializam a passagem da possibilidade à realidade. A própria sociedade humana desapareceria se os homens que a compõe se guiassem pelo acaso, tendo em vista que não haveria possibilidade de organização científica da produção de bens sociais, frutos da produção material e necessários a manutenção e continuidade da espécie humana no planeta Terra.

Ex.: No Brasil de hoje, as condições objetivas para a transformação da sociedade para melhor estão em grande parte amadurecidas, mas as condições subjetivas estão aquêm, isto é, recuadas como necessidade histórica.

Conteúdo e forma - ambos estão em correlação orgânica interdependente de maneira que um fator não pode existir sem o outro. O conteúdo deve ser visto como um todo unitário, no qual os elementos que compõem um determinado objeto estruturam uma totalidade (em virtude da interação) dialética em movimento.

A forma é a maneira pela qual esses componentes do objeto que definem o conteúdo se congregam compondo a forma do conteúdo. Na relação conteúdo-forma, o primeiro, desempenha o papel principal em vista de ser ele o determinante da forma, e suas mudanças vão operar também mudanças na forma. Esta, por sua vez atua sobre o conteúdo, estimulando e acelerando o seu desenvolvimento quando tem correspondência com ele. No momento em que ela deixa de corresponder ao conteúdo, torna-se um entrave e freia o desenvolvimento do mesmo. Surge então na unidade conteúdo-forma a contradição crescente, havendo no processo final desta, a destruição da forma absoleta e o novo conteúdo adquire uma nova forma. Por exemplo, as relações de produção e as forças produtivas no atual estágio do sistema capitalista estão defasadas pelo fato de que as últimas se desenvolveram mais rapidamente do que as primeiras. Como resultado, não há a correspondência necessária para se manter o "equilíbrio" e poder "eternamente" perpetuar-se a reprodução capitalista. O resultado é a agudização progressiva das contradições

atê que se produza a ruptura do processo simultaneamente com o salto qualitativo, produzindo então um novo conteúdo revestido de uma nova forma.

É bom frisar que o conteúdo é sempre mais dinâmico pelo fato de estar subordinado ao movimento absoluto da matéria, portanto, ele transforma-se constantemente enquanto que a forma é mais "estática" (repouso relativo). Daí a defasagem mencionada.

O capitalismo seria "eterno" se conseguisse conciliar as forças produtivas com as relações de produção. Mas, por sua essência exploradora da força de trabalho físico e mental do trabalhador; pela sua natureza classista em termos de dominante e dominado; pela contradição antagônica capital e trabalho; por sua condição vital de existência calcada na reprodução ampliada do capital, e tendo como base de sustentação do sistema, a propriedade privada dos meios de produção, inviabiliza totalmente a sua condição de ser necessário e permanente a humanidade. As tentativas de conciliação, as que foram e as que são implementadas nos dias atuais são paliativas e temporárias. Acentua-se mais e mais o distanciamento entre os possuidores e os despossuídos e a ruptura vai se processando no embate dos processos de libertação dos povos que aspiram um mundo melhor: o mundo do socialismo.

A tentativa de "eternização" do capitalismo efetua-se a nível dos ideólogos do sistema a serviço das classes dominantes. A dialética confirma a trajetória infinita da "reprodução nova" em todos os domínios, inclusive à dos sistemas e respectivos regimes políticos.

Essencia e fenômeno - pontifica Konstantinov que

"a essência de um objeto significa compreender a causa do seu aparecimento, as leis de sua vida, as contradições internas que lhe são específicas, as tendências do desenvolvimento e as suas propriedades determinantes". (Konstantinov, F.V. - Fundamentos da Filosofia Marxista - Leninista, tradução de João Alves Falcao, Novo Curso Editores - Venda-Nova-Amadora- Portugal, 1975 p.205) . 1º Volume.

Esta colocação conduz-nos a penetrar na natureza da coisa que se busca conhecer, a fim de que possamos detectar com maior cientificidade a causa, a necessidade e a lei que rege todos os fenômenos contidos num determinado objeto, submetido ao nosso inquérito analítico. A base deste encaminhamento, penetramos no interior do objeto onde a essência do fenômeno revela-se como o

"conjunto de todos os aspectos e ligações necessários e internos (leis) próprios do objeto, tomados em sua interdependência natural". (Cheptulin, Alexandre - In A Dialética Materialista. Pág.276.

Deste modo, a essência do capitalismo está na propriedade privada dos meios de produção que se acha inserida no seu modo de produção.

A essência liga-se à categoria do geral pelo fato de revelar o que o objeto possui de elementos comuns, genéricos. Já o fenômeno é a forma como a essência se reveste exteriormente. Trata-se de conjunto dos aspectos exteriores, das propriedades da essência, portanto ele não pode existir sem ela. Há que ressaltar que o seu conteúdo não define unicamente pela essência, mas pelas condições objetivas de sua existência. Isto implica dizer que ele é efêmero (flutuante) mutável e causal, enquanto que a essência revela determinada estabilidade, imutabilidade, e, é causal durante o perdurar das mudanças quantitativas (graduais) na estrutura interna dos fenômenos. Enquanto que a essência exprime o geral, o fenômeno é algo de singular, exprimindo um ou outro aspecto da essência. Ambos formam uma unidade correlativa entre si, em que um define o outro e os dois desempenham importante papel no processo de detectar a verdade científica.

É bom termos em conta que o fenômeno-forma de ser da essência pelo fato de expressar o singular, não coincide com a essência; inversamente, distingue-se dela e chega às vezes a deformá-la. Por exemplo, a água colocada num vasilhame de cristal revela ser pura (fenômeno), no entanto, submetida à análise química, sua essência revela milhares de microorganismos. Outro exemplo reside no salário do trabalhador que parece ser justo e corresponder ao pagamento do seu trabalho efetuado, mas na realidade sabemos que a essência da exploração capitalista, a mais-valia, acha-se camuflada.

Se o materialismo dialético afirma que essência e fenômeno se definem um através do outro, isto não significa coincidência entre os dois; ambos não se coincidem, embora não sejam excludentes. O fenômeno sempre se distingue da essência, por conclusão ele não pode ser como ela, e, em qualquer situação em que se revela, ele deforma a essência. Esta é a razão pela qual os fenômenos de um modo geral não oferecem o conhecimento verdadeiro da natureza da coisa (essência).

Lenin, no estudo dessa correlação mencionada, definiu:

"O que não é essencial, o aparente, o superficial, desaparece mais frequentemente, não é tão "sólido", tão firmemente instalado, como a essência". (Lenin, Oeuvres, pag.279).

Por sua vez, a essência apesar de possuir certa estabilidade em relação ao fenômeno, está subordinada a lei do movimento, e, por conseguinte, não permanece imutável, embora o seu movimento se processe mais lentamente. A passagem do capitalismo pré-monopolista (domínio da livre concorrência-mercantilismo) para a sua fase monopolista (exportação de capitais-imperialismo) e para a fase do capitalismo monopolista de Estado, é uma boa exemplificação que demonstra certas mudanças na essência, muito embora a sua "natureza" tenha se mantido imutável, isto é, permaneceu a mesma base de sustentação do sistema capitalista: a propriedade privada dos meios de produção.

Do conhecimento sensorial ao conhecimento lógico (sensorial, perceptual, representacional, lógico dialético), tendo a prática social como critério superior da verdade e auxiliado por métodos (observação, experimentação, analítico e sintético, indutivo e dedutivo, histórico e lógico etc., por instrumentais e aparelhos), o homem amplia continuamente o conhecimento verdadeiro relativo e absoluto já existente. No plano da descoberta sempre novas realidades são reveladas. Sob a apreciação do materialismo científico a verdade revela-se objetiva, concreta e relativa, em decorrência de refletir o mundo objetivamente, e dizer respeito à realidade concreta, não abstrata, pelo fato de não exprimir a correspondência completa do conhecimento com a realidade.

Ao mesmo tempo, a verdade possui a sua dimensão "absoluta" (conjunto das verdades relativas) para cada momento da manifestação reflexa absolutamente exata da realidade objetiva. Portanto, o conhecimento humano passa a ter duas dimensões: é relativo em razão de nunca ser completo, acabado, em virtude da capacidade do ser humano de cada geração ser limitada pelas condições históricas vividas, pelos níveis de desenvolvimento produtivo, científico, técnico e social; é absoluto por conter os elementos do conhecimento universal que buscamos alcançar - no processo infinito da reprodução nova do conhecimento - por intermédio do emprego sistemático do saber filosófico, científico e social intercorrelacionados e interdependentes.

A Filosofia como saber superestrutural, por meio de suas leis universais revela o mundo em sua abrangência de totalidade.

A Ciência já trabalha com as leis particulares, específicas a cada campo do saber científico. Por intermédio do manuseio da dialética materialista e respectivas categorias, evidencia-se a totalidade parcial contida no âmbito de cada ciência. Esta avança mais o saber rumo à verdade mais representativa: a absoluta. A Sociedade como sabe

mos, é regida pelas leis históricas e sociais, através do desempenho do homem como ser social e histórico no desempenho de sua prática social.

Todo este conjunto de conhecimentos (filosófico, científico e social) estão em mútua interação dialética. A Filosofia abastece a ciência com suas formulações genéricas, abrangentes e sistêmicas a respeito do mundo da natureza, da sociedade e do indivíduo, tomadas como totalidades. A Ciência de posse desse patrimônio conceitual totalizante amplia os diversos campos do saber científico, utilizando-se não só dessa "estrutura conceitual filosófica", como também dos seus métodos específicos de análise. Por sua vez, a ciência repassa à filosofia o novo saber acumulado que irá exigir do raciocínio lógico dialético, novas formulações genéricas. E toda esta estrutura de conhecimento maior filosófico, científico - desce à sociedade para ser testado como categoria universal de valor, através do exercício da prática social, referendado pela sociedade - instância superior no universo - que caminha progressivamente em sua marcha histórica e social. Os novos valores passam a ser também valores positivos no processo de edificação contínua, portanto infinita e histórica da sociedade. E toda esta cadeia correlativa é sempre geradora de novas verdades que se afirmam como realidades e necessidades históricas. É a marcha da humanidade, eterna e infinita, num contínuo aperfeiçoamento para melhor, muito em bora haja aqui, ali e acolá momentos de retrocessos sociais. Estes, por sua natureza são efêmeros em virtude de serem resultantes de ações ditatoriais impostas como ato de força, e são ilegítimos para a maioria das classes sociais que estruturam a sociedade; não possuem necessidade histórica. É evidente que para a minoria que se apossou do poder, os retrocessos são reais e necessários.

A partir, dessa compreensão geral do materialismo dialético como doutrina e método, da importância das categorias da dialética materialista, encaminhamos nossa abordagem para o exame crítico das dimensões espaciais/temporais existentes em tudo que define uma realidade objetiva. Esta, por sua vez, ocupa espaço determinado no plano da Terra e do universo, e se reproduz, dialeticamente, na continuidade histórica, da natureza e da sociedade(*).

(*) Ver artigo a ser publicado "Espaço/Tempo em Geografia".

Nosso enfoque iniciou-se com a questão da gnoseologia do espaço/tempo como modo de ser da matéria em movimento, a fim de que pudéssemos entender o espaço geográfico como uma das categorias necessárias à correta organização da sociedade.

Nossa incursão tomou por base, como já mencionamos, o materialismo dialético e histórico como concepção filosófica, como método e como práxis, para que pudéssemos nos guiar seguramente na busca da verdade científica (relativa e absoluta) existentes no interior de cada formação econômico/social. Esta, concretamente estruturada em determinados espaços históricos-geográficos que se reproduzem continuamente em novas formas em virtude da dinâmica de suas relações espaciais/temporais.

Pela concepção do materialismo dialético e histórico, o conhecimento é tido como

"o reflexo ativo e devidamente orientado do mundo objetivo e das suas leis no cérebro humano". (Afanássiev. V.G. - in Fundamentos da Filosofia, Edições Progresso, Moscou, 1982, p.157)

e tendo na prática social dos homens - traduzida em trabalho, produção material e espiritual, lutas de classes - a base de todo processo de conhecimento científico, portanto, critério fundamental da verdade.

No artigo intitulado "A Pesquisa Geográfica", o autor do presente enfoque chama a devida atenção do valioso e necessário papel da prática social exercido pelo homem na elaboração do conhecimento científico e respectiva condução da sociedade:

É evidente que a prática revelada no trabalho desempenha ao aferir a autenticidade do conhecimento uma importantíssima valia na elaboração do conhecimento científico. É pela prática produtiva diária que o homem amplia as suas possibilidades de conhecer o mundo objetivo que o rodeia e que existe fora de sua consciência. É pela prática que o homem corrige as deformações, os erros acumulados tidos como verdadeiros.

É pela prática que o ser humano cria as condições materiais de sua existência na sociedade. É pela prática que estabelecemos a nossa união concreta com o mundo exterior, revelando-nos as sensações, as percepções, as representações, as quais funcionam como nexos entre ambos conhecimentos (sensorial e conceitual). É pelo mecanismo da prática-produção, experimentação, lutas de classes - que testamos a veracidade de nosso saber". (Gomes, Horieste, 1981, págs. 114, 115).

RESUMO

No presente artigo, o autor objetiva fornecer aos estudiosos algumas reflexões sobre a importância da dialética materialista como concepção e método inerentes à realidade objetiva do mundo da natureza e da sociedade.

Na sua estrutura inicial, o trabalho procura refutar uma série de interpretações que restringe e deturpa à compreensão concreta do mundo, visto em sua dimensão sistêmica de totalidade através do emprego da lógica dialética.

O papel de suas leis e de suas categorias mais universais são revelados como valores superiores, imprescindíveis em nossa busca de conhecermos os "fenômenos" tais como existem e que virão a existir como reprodução nova.

RESUMÉ

Dans cet article l'auteur veut fournir au lecteur quelques raisonnements qui ont été faits sur l'importance de la dialectique matérialiste comme une conception et une méthode propres à la réalité objective du monde de la nature et de la société.

Dans sa structuration initiale le travail a pour but rejeter un série d'interprétations qui cherchent à restreindre et à déturper la compréhension concrète du monde, celui-ci pris en sa totalité, par le biais de la logique dialectique. Il est pris aussi en considération le rôle des lois, des catégories dialectiques matérialistes les plus universelles, d'ailleurs des valeurs supérieures, nécessaires à l'homme dans la recherche des "phénomènes" tels qu'ils existent (ou viendront à exister) comme une forme de reproduction nouvelle.

BIBLIOGRAFIA

- Engels, F. - in "Anti-Dühring" Editorial Hemisfério, Buenos Aires , 1956
- Teodor Oizerman "A Dialética Materialista E O Relativismo" in Ciências Sociais-Academia das Ciências da URSS n° 2/1979 pag.43).
- Lénin - in Obras Escolhidas.
- Cheptulin, Alexandre - in "A Dialética Materialista"- Editora Alfa - Omega, tradução de Leda Rita Cintra Ferraz, São Paulo,1982
- Gomes, Horieste - "A Pesquisa Geográfica" - in Boletim Goiano de Geografia, edição do Depto. de Geografia do IQG/UFG-ano 1 n° 2 Goiânia, Goiás,1981.
- Vieira Pinto, Álvaro - in "Ciência e Existência"- Editora Paz e Terra, - série Rumos da Cultura Moderna, vol. 20 - Rio de Janeiro, 1969.
- Krâssine, Iú e G. Chakhnazârov - in Fundamentos do Marxismo - Leninismo - Edições Progresso, Moscou, 1981.
- Rosental, M.M. e P.F. Iudin - Dicionário Filosófico,3a.edição, tradução de Luís Marques Silva, Editorial Estampa,Lisboa,1972.
- Konstantínov, F.V. e outros - in "Os Fundamentos da Filosofia Marxista - Leninista"- tradução do russo (3a.ed. 1974) por João Alves Falcato - Novo Curso Editores Venda Nova - Amadora,1ºvol. Portugal, 1975.
- Lenin, V.I - in "Ouevres", tomo 38, tradução do russo
- Afanassiev, V.G. - in "Fundamentos da Filosofia"- Edições Progresso, Moscou, 1982.

